

UM OLHAR SOBRE INCLUSÃO: o que pensam os discentes da turma de pedagogia ufpa, campus castanhal, sobre a inclusão de alunos LGBTQIA+ nas escolas.¹

“Temos direito a igualdade, quando a diferença nos inferioriza, e direito a diferença, quando a igualdade nos descaracteriza”.
(BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS)

Luan Marlon Freitas Leitão²
UFPA - Universidade Federal do Pará

Eixo VII – Educação, diversidade e formação humana: gênero, sexualidade, étnico-racial, justiça social, inclusão, direitos humanos e formação integral do homem.

Resumo

Incluir é ato de inserir alguém ou algo em um determinado grupo. Desta forma, pensar em inclusão do ponto de vista de um grupo que em seu contexto histórico-social sofreu e sofre de forma progressiva as mais diferentes formas de exclusão é o que se busca refletir aqui. A necessidade de precisar conviver em sociedade é o que torna pessoas diferentes do padrão um alvo para os atos de discriminação, exclusão e segregação, pois independentemente de qual seja a sua realidade social sempre haverá momentos que a necessidade do outro em sua convivência se manifeste fazendo assim que haja uma interação entre um indivíduo e outro.

Palavras-chave: Inclusão; Exclusão; Histórico-social

INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto de que muitos pais consideram a escola um lugar onde elas podem chamar de segunda casa para os seus filhos. Para Gun (2018) a escola é o espaço onde as crianças passam horas do dia aprendendo, no entanto, quando elas saem da mesma, elas continuam a aprender. De fato, a nossa experiência escolar nos revela que muitas crianças, adolescentes, jovens e até mesmo pessoas já adultas se sentem bem quando estão na escola.

No entanto, nem todas as pessoas sentem-se bem em ambientes escolares onde não se tem um acolhimento agradável. “Os diversos tipos de violência costumam se expressar de forma associada, conformando uma rede onde aquelas que expressam os conflitos do sistema social se articulam nos níveis interpessoais” (BRASIL; MINAYO, 2005). Existe uma parcela de pessoas que não se sentem como as demais, pessoas que não tem o mesmo acolhimento que as consideradas “normais”. Isso leva ao sentimento de exclusão, que dificulta o sucesso escolar dos alunos nessa situação.

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreitas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

Esses indivíduos, devido às suas diferenças, projetam na escola um sentimento de inimizades e exclusão, sendo que em casos mais extremos se deparam com pessoas que lhes agredem com palavras, com gestos – quando estão sendo zoadas pelos “coleguinhas de turma”.

Nesta proposta de pesquisa abordaremos os desafios da inclusão escolar de alunos LGBTQIA+, partindo do entendimento de que a empatia por essas pessoas não deve ser vista como um crime e ter respeito por eles não torna ninguém homoafetivo, mas se constitui num importante passo da sociedade rumo à humanização.

Para que tenhamos uma ideia dos desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ em seu processo de escolarização, segundo relata Boehm (2016, p. 1), dados de uma “pesquisa realizada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) apontam que 32% dos entrevistados homossexuais relatam sofrer discriminação” (BOEHM, 2016, p. 1), dentro das salas de aula.

Uma observação importante a ser feita em relação aos dados acima citados é a forma como os professores reagem ao presenciarem um ato de discriminação. Nesta mesma pesquisa a autora relata que os docentes ainda não sabem agir adequadamente a essas situações de agressão, tanto de cunho verbal quanto de cunho físico.

Diante disso, o presente projeto de pesquisa aborda os desafios da inclusão de alunos LGBTQIA+ nas turmas do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, de modo a estudarmos esse fenômeno em sua ocorrência empírica numa das maiores instituições públicas de ensino superior do Brasil.

Do ponto de vista pessoal, ressalto que a escolha do tema se dá em razão de o pesquisador ter uma constante preocupação de compreender os desafios enfrentados pelos estudantes LGBTQI+ na universidade, considerando que ainda vivemos numa sociedade intolerante e preconceituosa, sobretudo em relação aos sujeitos homoafetivos.

Do ponto de vista acadêmico, considera-se, que a pesquisa será relevante para trazer ao primeiro plano o debate sobre a igualdade dentro da universidade. Se esta deve primar e respeitar a diversidade, valorizar as diferenças e respeitar as diversas formas de expressão do indivíduo, contribuindo para a construção de um espaço social mais democrática.

Na realidade não é bem isso que acontece, pois ainda é possível constataremos situações de desrespeito, segregação, intolerância e agressões com a diversidade, especialmente com a população LGBTQIA+. De acordo com o que relata uma matéria do site g1 (2016, p. 1) sobre um garoto que foi “Agredido a pauladas por cinco adolescentes na saída da escola em São José

1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.

2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

dos Campos (SP), um jovem de 18 anos está traumatizado (G1, 2016, p. 1)”. Podemos ter essa triste certeza e por esse motivo, faz-se necessário abordar essa questão em pesquisas acadêmicas.

Do ponto de vista social, esta pesquisa se insere no conjunto de esforços que buscam a construção de um referencial para a adoção de uma convivência social pautada no diálogo, na compreensão, na empatia e nos valores humanos e democráticos. Por isso, é necessário debater a questão dos desafios enfrentados por estes grupos de estudantes na universidade, como forma de trazer o tema para ampla discussão social e, dessa forma, conscientizar a população de que se trata de sujeitos humanos, que têm direitos a serem respeitados pela sociedade.

Considerando as necessidades de abordar as questões que cercam a convivência de alunos homossexuais, lésbicas, Transgêneros na universidade, especificamente nas turmas de pedagogia do campus de Castanhal/UFPA, traz-se a seguinte questão para nortear esta pesquisa: *De que forma os alunos LGBTQIA+ são incluídos nas escolas da rede pública na percepção dos acadêmicos das turmas de Pedagogia da UFPA Campus Castanhal?*

SEXUALIDADE, SE NASCE OU SE CONSTRÓI?

As questões sobre sexualidade, são vistas por muitos pesquisadores como uma construção histórico, social e cultural onde o indivíduo vai se construindo de acordo com sua convivência na sociedade. Ao se deparar a expressão “se nasce ou se constrói” vem à cabeça a filósofa e feminista Simone de Beauvoir, pois esta desferiu em sua filosofia existencialista a seguinte expressão, “não se nasce mulher, torna-se mulher”. No entanto, o que essa teoria de Beauvoir tem a contribuir no que diz respeito a sexualidade?

Levando em consideração a questão de não nascer, mas se construir, podemos dizer que no ponto de vista da filosofia que Simone pregava, não se nasce gay, ou seja, se torna gay. Segundo uma matéria do Instituto Fazendo História (2015) “A sexualidade humana não é instintiva – ela é construída e é algo que se organiza durante toda a vida, desde o nascimento”. Portanto, podemos considerar que ambas afirmações denotam que a sexualidade é algo construtivo, onde o indivíduo pode simplesmente em uma determinada fase da vida escolher o que quer ser no que diz respeito a sua sexualidade.

É muito importante destacar que quando falamos em sexualidade ou qualquer outra questão que envolve gênero, sexualidade e educação sempre se terá opiniões e conclusões diferentes. Mas é que nem diz o dito popular “só sabe o tamanho da dor, aquele que a sente”.

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

Portanto, quem melhor para discutir se a sexualidade é ou não construída, do que os próprios viventes dessa realidade. No ano de 2019, o ginasta Diego Hypolito assumiu no site uol esportes que era gay. Segundo Hypolito (2019) “Não escolhi ser gay, porque ser gay não é uma escolha”.

Após o ginasta ter exposto sua sexualidade para todos, ele relata todos os abusos que sofreu, ele conta:

No ano passado, revelei os abusos que sofri durante trotes que o pessoal da ginástica fazia com quem era mais novo. Já me prenderam em um equipamento de treino apelidado de "caixão da morte", já me fizeram segurar uma pilha com o ânus e já me deixaram pelado, junto com outros dois atletas, para escrever no nosso peito a frase "Eu", "sou", "gay". Uma palavra em cada um para nos humilhar.
(HYPOLITO, Gabriel. 2019).

O ginasta foi um em milhares de casos existentes no país em que vivemos. Em uma matéria do site El Pais, temos o relato de um administrador de empresas de 57 anos de idade chamado Lucio. Este foi casado durante 24 anos com uma mulher e relatou que para o site que teve 3 filhos com ela. Segundo Rossi (2017. pp.1) administrador relata que “ao longo de todo o casamento, se relacionava com garotos de programa. "Eu não achava que estava traindo a minha mulher. Eu achava que eu tinha um problema e tinha que resolver" (ROSSI. 2017. pp.1).

Segundo Rossi (2017), lúcio ressalta ainda:

Venho de uma família nordestina tradicional e super rígida. Desde pequeno eu tive trejeitos, mas sempre fui corrigido, principalmente pela minha mãe. Meu pai fazia o papel do “macho”: Uma vez, eu devia ter uns seis anos, e ouvi dele que ele preferia ter um filho morto a ter um filho gay.
(ROSSI. 2017. p. 2).

E continua...

[...]Estudava em uma escola conservadora, então sofria bullying, porque além de ter trejeitos, eu também era gordinho. Comecei a fazer terapia aos 12 anos. Na primeira sessão, a terapeuta me perguntou se eu era gay. Eu, claro, disse que não. Aos 14 anos eu comecei a ter relação sexual com garotos.
(ROSSI. 2017. p. 2).

Tomando como base esses dois exemplos, o ginasta e o administrador, ambos homoafetivos. Podemos ainda considerar a hipótese de que a sexualidade é algo que construímos de acordo com as nossas vivências e experiências em sociedade? Se sim, acredita-se que sua hetero identificação lhe leva a cogitar tal hipótese, mas tendo em vista os exemplos

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

citados acima, podemos desconstruir essa hipótese, pois ninguém em sã consciência escolheria tornar-se gay em uma sociedade cheia de preconceitos.

SEXUALIDADE NOS TEMPOS ATUAIS

Nos tempos atuais a diversidade está maior, o número de pessoas quem tem orgulho de assumir-se diferente de heterossexual está crescendo, e com esse crescimento a onda de discriminação e exclusão também está aumentando. Segundo o site Fundo Brasil (s.d) “Cerca de 20 milhões de brasileiras e brasileiros (10% da população), se identificam como pessoas LGBTQIA+” e sucede que “Cerca de 92,5% dessas pessoas relataram o aumento da violência contra a população LGBTQIA+” (BRASIL, s.d).

Aceitar as críticas e “brincadeiras” maldosas dos “coleguinhas de turma” pelo fato de sua orientação ser diferente é obrigatório na maioria das escolas, pois caso contrário você é levado a diretoria para receber uma advertência por fazer "confusão" no ambiente escolar, como foi o caso do garoto Arthur que conta sua história em uma matéria sobre discriminação e exclusão nas escolas. “Cansei de ouvir coisas homofóbicas na escola, de ouvir ‘além de viado é preto’. Nunca me senti acolhido. Não tinha espaço para pensar sexualidade e foi lá que me entendi negro e gay em uma sociedade racista e lgbtfóbica”, conta. (BOEHM, 2016. p. 1).

Esse foi um fato que aconteceu um dia após Arthur contar para a família que era homossexual, onde também não teve apoio. É triste saber que histórias como a de Arthur acontecem praticamente todos os dias e com grande frequência nas escolas, pois segundo relata Querino (2017, p.1) “73% dos estudantes do ensino básico sofrem algum tipo de bullying homofóbico nas escolas”. É mais triste ainda saber que por mais que você seja a vítima para os outros você será o vilão.

É importante neste momento esclarecer qual é o papel verdadeiro da instituição escola, que segundo Nobre e Sulzart (2018, p. 114) é

principalmente, encaminhar ações por meio de processos educativos que venham despertar o compromisso social dos indivíduos, das entidades e dos grupos sociais, objetivando fazer uma só aliança, capaz de promover mudanças e transformações no cumprimento do dever educacional, da preparação e formação de alunos que sejam cidadãos portadores de uma nova visão de mundo reinventado, através da criticidade e da participação.
(NOBRE; SULZART, 2018. p. 114)

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

Pois em cenários como esses, onde a violência acontece dentro da escola é imprescindível que a instituição saiba quais medidas cabíveis tomar para tornar o ambiente que de essência deveria ser calmo e aconchegante, um ambiente agradável e condizente para todos, sem exceções.

Trazer esse tipo de conhecimento ao docente irá acrescentar muito valor em sua formação, pois assim ele poderá exercer seu papel de educador com mais eficiência e tornar a escola um ambiente mais aconchegante para todos os tipos de alunos que existem, e assim a escola cumprirá seu papel. Carradore e Ribeiro (2006) conscientizam que a escola é um ambiente que deve prepara o indivíduo para viver bem em sociedade e a saber solucionar problemas de múltiplas escolhas, mesmo que estes se apresentem no campo da sexualidade. Os autores reiteram que a instituição escola, tem a responsabilidade de tornar estes indivíduos sujeitos de sua orientação e de sua vida.

Paulo freire, acreditava que não era possível definir educação sem refletir sobre o homem, pois o homem na sua visão era um ser inacabado e sendo assim busca se aprimorar através da educação pois “educar é substancialmente formar” (FREIRE, 1996, p. 32). Nesse sentido, Educação então tem que ser capaz de mudar o comportamento de alguém; se não há mudança de comportamento não ouve um processo educacional, e esse processo acontece através de uma relação que chamamos de processo de ensino aprendizagem desse fenômeno humano e que promove essas mudanças na forma de pensar na sociedade, nos valores, tradições e nos movimentos culturais, ou seja, ainda hoje vivemos tempos onde o estranho causa medo e repúdio, onde o diferente é humilhado e excluído, tempos onde a vida vale menos que um pedaço de pão.

Segundo Merleau-Ponty (2006, p.219) “A sexualidade é o que faz com que o homem tenha uma história. Se a história sexual de um homem dá a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem se projeta sua maneira de ser em relação ao mundo, isto é, com relação ao tempo e aos outros homens”. Portanto, a sexualidade está em todos os ambientes e em todos os momentos da vida do homem, logo na educação não é diferente e quanto mais cedo essa sexualidade for trabalhada, mais cedo a intolerância e o preconceito perderão espaço na sociedade. Segundo relata Silva dos Reis (2016) “Falar sobre gênero e sexualidade é parte da construção do respeito à diferença, uma criança que chega em casa e só conhece uma única forma de convívio com o outro, tem na escola a oportunidade de conhecer outros modos, que não necessariamente o preconceito e a violência com o que lhe é diferente.”

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

Daí é cabível se perguntar, o que a escola está ensinando? O que a sociedade está ensinando? Ou até mesmo, o que os pais estão ensinando para seus filhos? Será que existe uma falha no sistema? Se existe, quais ações estão sendo feitas para instigar esse processo de mudança no indivíduo? Quando foi que a diversidade se tornou uma ameaça para as pessoas, pois discriminar, excluir e agredir alguém por sua condição, orientação ou seja qual for o adjetivo a ser empregado, pelo fato de ele ser diferente é desumano.

Pesquisas mostram que “um estudo recém-publicado indicou que adolescentes entre 12 e 15 anos que sofrem bullying na escola” (VEJA, 2019). E segundo Veja (2019. s.d) “pelo menos 17% dos adolescentes vítimas de bullying consideram tirar a própria vida para fugir da perseguição”. Tendo em vista todos esses relatos, uma grande maioria das pessoas que sofrem bullying acabam abandonando os estudos. Corrobora Veja (2019, s.d) que “23% dos adolescentes acreditam que a escola não está conseguindo controlar o problema”.

METODOLOGIA

Esta pesquisa não tem o objetivo de quantificar os dados que serão coletados por meio de pesquisa de campo. Porém busca analisar os desafios vividos no dia a dia de alunos LGBTQIA + no âmbito da vida escolar de alunos do curso de Pedagogia da UFPA, Campus de Castanhal, adotando, portanto, cunho qualitativo. Segundo Martins (2004, p. 1) “A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”.

Esta usa como objeto de pesquisa matérias e obras de autores que tratam de questões voltadas para questões de gênero, sexualidade e educação, buscando sempre trazer essas fontes para as ações ocorridas nos dias atuais. Por mais que esse seja um assunto muito presente no cotidiano das pessoas, este é ainda um assunto muito tabulado, onde falar ou discutir sobre é visto como vergonhoso e desconcertante para quem esta a debater e acaba por muitas das vezes causando intriga e inimizades em meios sociais onde este tema não é bem acolhido.

Está será voltada apenas para os alunos do curso de Pedagogia da UFPA, Campus de Castanhal, Pará. Ou seja, é um estudo que será redirecionado apenas a um público alvo, logo tenho um estudo de caso. Corrobora Fia (2020) que "Estudos de caso são um método de pesquisa ampla sobre um assunto específico, permitindo aprofundar o conhecimento sobre ele e, assim, oferecer subsídios para novas investigações sobre a mesma temática."

No que diz respeito à termos operacionais, esta pesquisa seguirá as seguintes ações:

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

1. Revisão bibliográfica: a pesquisa e leitura de artigos que sejam do ramo em questão. Após a leitura destes artigos científicos e acadêmicos, será feito um resumo seguido de fichamentos para melhor compreensão do tema.
2. Pesquisa de campo: a pesquisa de campo se dará por meio de entrevistas gravadas com a permissão dos entrevistados, estes terão que estar cursando exclusivamente o curso de pedagogia na instituição de ensino UFPA - Universidade Federal do Pará, e devem ser do turno da noite. A escolha do turno noite, se deu pelo fato de poder ajustar os dados coletados com mais clareza e precisão no período da manhã e tarde, visto que, ambos períodos serão condicionados somente para o ajuste e organização desses dados. Essa pesquisa será feita na UFPA, Campus Castanhal com a turma de pedagogia pelo fato de o pesquisador em questão ser discente desta instituição e ser discente do curso de pedagogia, no entanto, não da turma em questão.

O modelo de entrevista a ser empregado é o de entrevista semiestruturado, que de acordo com Gil (2002, p.117) “Pode ser semiestruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorar ao longo de seu curso.” Será adotado esse método de pesquisa pelo fato de ser possível manter uma certa aproximação com o entrevistado, e tem ainda a possibilidade de modificar as perguntas já elaboradas se caso o entrevistado não se sentirem confortáveis ao serem questionados. Além da entrevista, serão feitas buscas por documentos oficiais nos quais a universidade assegura o tratamento igual e o respeito para com os LGBTQIA +, o que se constitui uma pesquisa documental.

A pesquisa documental consiste num intenso e amplo exame de diversos materiais que ainda não sofreram nenhum trabalho de análise, ou que podem ser reexaminados, buscando-se outras interpretações ou informações complementares, chamados de documentos. (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p .244).

A pesquisa documental será redirecionada especificamente para a instituição UFPA, pois se os resultados apontarem um resultado negativo que aponte a exclusão, segregação ou até mesmo agressões verbais e físicas, esta ajudara a compreender quais atitudes e ações a UFPA toma para manter esses discentes inclusos e protegidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

Com base nos resultados obtidos com a pesquisa acredita-se que é possível diminuir essa onda de preconceito e discriminação que hoje só vem crescendo. Uma das formas de se possibilitar essa diminuição é atentar-se para a formação dos professores, pois é nítida a falta de empatia e conhecimento sobre o assunto por parte dos docentes que estão presente no cotidiano dos alunos na sala de aula e no ambiente escolar.

Portanto, é imprescindível que esse assunto seja discutido e debatido de forma racional e pacífica pelas escolas, professores, alunos e sociedade, juntamente com as famílias desses alunos. Onde um fala e o outro escuta; isso sem impor sua opinião com o intuito de obrigar a outra pessoa a aceitá-la. A diferença é o que nos torna iguais, e, ninguém merece ser discriminado ou agredido por não se parecer ou ser o que os outros querem.

É importante ressaltar que não concordo com a posição de sexualidade sendo uma forma de construção histórico-social. Pois, tendo em vista a sociedade que vivemos hoje e tendo vários exemplos de preconceitos sofridos por pessoas LGBTQIA+ devemos considerar que sexualidade não é uma questão de escolha. Existem pesquisas que tentam compreender qual a essência da sexualidade dessas pessoas, e, é fato que nenhuma apontou questões genéticas ou algo que envolva o gene.

Portanto, é essencial procurarmos problematizar esses temas com os licenciandos, os formandos, os mestrandos etc. Na tentativa de desnaturalizar determinados significados usualmente atribuídos a homens e mulheres na nossa cultura. Entretanto, mesmo com alunos de Ensino Superior, desenvolver atividades para trabalhar a inclusão não se mostra uma tarefa simples, pois – muitas vezes – o que ainda “vale mesmo” é o que se vincula aos conhecimentos científicos, aos dogmas, às leis e às definições que contenham uma suposta verdade. Porém, a partir das perspectivas de onde se fala, não existem verdades únicas e absolutas, mas, sim, conhecimentos que precisam – constantemente – ser problematizados e discutidos.

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

REFERÊNCIAS

BOEHM, Camila 2016. Pesquisa mostra que discriminação contra homossexuais está presente em escolas. Agência Brasil. 2016. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-03/pesquisa-mostra-que-discriminacao-contra-homossexuais-esta-presente-em#:~:text=Pesquisa%20realizada%20pela%20Universidade%20Federal,ser%20f%C3%ADsicas%20ou%20verbais%2C%20no>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BONETI, L. W. **Estado e exclusão social hoje**. In: ZARTH, P. (Org.). **Os caminhos da exclusão social**. Ijuí: Unijuí, 1988.

BRASIL, Fundo. **A LGBTFobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização**. s.d. Disponível em <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbt-fobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>. Acesso em : 24 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Textos Básicos de Saúde).

CARRADORE, V. M.; RIBEIRO, P. R. M. **Aids, sexualidade e prevenção no espaço escolar: algumas reflexões**. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Araraquara: Laboratório Editorial FCL-UNESP, 2006. p.89-110.

FIA, 2020. **Estudos de Caso: O que são, Exemplos e Como Fazer para TCC**. Fundação instituto de administração. 2020. Disponível em <https://fia.com.br/blog/estudos-de-caso/#:~:text=Estudos%20de%20caso%20s%C3%A3o%20um,investiga%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20a%20mesma%20tem%C3%A1tica>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

G1. 2016. **'Dói muito', diz homossexual agredido na porta de escola em São José. Jovem diz ter sido vítima de homofobia; vítima e agressor estudam juntos**. Aluno foi agredido a pauladas por cinco adolescentes na segunda (22). 24 fev. 2016. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2016/02/doi-muito-diz-homossexual-agredido-na-porta-de-escola-em-sao-jose.html>. Acesso em: 15 mar. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. -4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

GUN, Murilo. 2018. **Para que a escola seja a segunda casa, a casa deve ser a primeira escola.** 11 jun. 2018. Disponível em: <https://jornadaedu.com.br/familia-na-escola/escola-segunda-casa-familia-primeira/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute. SCHELLER, Morgana. BONOTTO, Danusa de Lara. **Pesquisa Documental:** considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. Conference: 4º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (IV CIAIQ 2015), Aracajú, SE, BR., volume 2, exemplar s/n, p. 243-247, agosto, 2015.

LE GOFF, Jaques. **Uma Longa Idade Médica;** tradução Marcos de Castro. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 2008.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educ. pesqui. [online]. 2004, vol.30, n.2, pp.289-300. ISSN 16784634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>.

MINAYO, M. C. S. Relaciones entre procesos sociales, violência y calidad de vida. Salud Coletiva, La Plata, v. 1, n. 1, p. 69-78, 2005.

NOBRE, Francisco Edileudo; SULZART, Silvano. **O papel social da escola.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 08, Vol. 03, pp. 103-115, agosto de 2018. ISSN:2448-0959.

QUERINO, Rangel. 2017. **73% dos jovens LGBTs da América Latina sofrem bullying nas escolas, revela pesquisa.** 19 out. 2017. P. 1. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/73-dos-jovens-lgbts-da-america-latina-sofrem-bullying-nas-escolas-revela-pesquisa>. Acesso em: 23 mar. 2022.

REIS, Juliana Fernandes Silva dos. 2016. **A importância das discussões de gênero e sexualidade no ambiente escolar.** 28 abr. 2016. Disponível em <https://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ROSSI, Marina. 2017. **“Não me separei porque eu não gosto de você. Me separei porque eu sou gay”** Quatro pais contam como assumiram a homossexualidade para eles mesmos e aos filhos depois de uma vida casados com mulheres. El Pais. 2017. Disponível em : https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/26/politica/1493232819_903824.html. Acesso em: 31 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar:** os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 56.

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.

Sem autor. Sistematização Oficinas: Sexualidade na Infância e adolescência. Instituto Fazendo História, 2015. Disponível em < <https://www.fazendohistoria.org.br/blog-geral/2016/5/24/sistematizacao-oficinas-sexualidade-na-infancia-e-adolescencia>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.73- 102.

VEJA, 2019. **BULLYING: 1 EM CADA 5 CRIANÇAS PENSA EM SUICÍDIO DEPOIS DA AGRESSÃO:** Novo estudo mostra também que 78% das vítimas sofrem com problemas de ansiedade, enquanto 56% perdem noites de sono. 2 set. 2019. Disponível em: <[//veja.abril.com.br/saude/alerta-1-em-cada-5-criancas-pensa-em-suicidio-por-cao-do-bullying/](http://veja.abril.com.br/saude/alerta-1-em-cada-5-criancas-pensa-em-suicidio-por-cao-do-bullying/)>. Acesso em: 24 mar. 2022.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- 1 Trabalho desenvolvido com o objetivo de oportunizar discentes em condições sexuais não padronizadas à expor como se dá seu processo de formação acadêmica na instituição de ensino da UFPA.
- 2 Acadêmico do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. Cidade de Mãe do Rio, Estado do Pará. E-mail: luanfreittas137@gmail.com, telefone: (91) 98724-1307.